

## AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO COTIDIANO DA SALA DE AULA E O “BOM” PROFESSOR<sup>1</sup>

**Raylane Oliveira Silva** (Autora)

Licenciada em Pedagogia

**Irlanda do Socorro de Oliveira Miléo** (Orientadora)

Doutora em Educação

*Universidade Federal do Pará*

### RESUMO

Este estudo busca mostrar um pouco sobre as relações professor-aluno e aluno-professor, que aparecem nas salas de aulas e contribuem positivamente ou de maneira negativa nas execuções de práticas pedagógicas planejadas e desenvolvidas pelos docentes. O objetivo geral é analisar os fazeres pedagógicos dos professores, por meio de uma pesquisa bibliográfica, identificando assim suas implicações no processo de ensino e aprendizagem que podem incidir na definição do “bom” professor.

**PALAVRAS CHAVES:** Prática pedagógica. Relação professor-aluno. “Bom” professor.

### INTRODUÇÃO

Atualmente, os docentes desenvolvem suas ações didáticas e pedagógicas de modo a oportunizar situações de aprendizagens significativas, com a expectativa de formar alunos e alunas que interajam criticamente no meio social. Porém, não se trata de um simples fazer educativo assistemático, mas demanda formações e comprometimento, os quais nem sempre, são reconhecidos pelos governantes e pela própria sociedade.

As práticas pedagógicas dos docentes são influenciadas por diversos fatores e entre estes podemos destacar a relação professor aluno como algo essencial para o sucesso ou fracasso do processo de ensino e aprendizagem.

O interesse em estudar esse tema surgiu a partir da disciplina “Didática e formação docente”, ministrada durante minha formação em pedagogia, na qual tivemos a oportunidade de ler o livro “O bom professor e sua prática”, da autora Maria Isabel da Cunha (1988). A partir do questionamento levantado no decorrer da disciplina em relação às práticas pedagógicas utilizadas pelos docentes e como os educandos reagem com as mesmas, percebi que os fazeres e estratégias

---

<sup>1</sup> Este estudo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia, realizado na Universidade Federal do Pará, campus Altamira.

que os professores adotam, influenciam o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que elas são capazes tanto de despertar nos estudantes um interesse em aprender algo, como também podem desestimular a aprendizagem.

## **1.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS MEANDROS NAS RELAÇÕES PROFESSOR-ALUNO E ALUNO-PROFESSOR**

Sabemos que a relação professor-aluno é essencial no processo educativo nas escolas, esta relação é capaz tanto de motivar os alunos quanto favorecer uma desmotivação nos mesmos em aprender e até mesmo em ir à escola. Todo o processo educativo desenvolvido na escola vai estar mediado por esta relação. Tardif (2002, p. 130) ao tratar sobre algumas questões do trabalho docente e o ensino, afirma que:

Um componente emocional manifesta-se inevitavelmente, quando se trata de seres humanos. Quando se ensina, certos alunos parecem simpáticos, outros não. Com certos grupos, tudo caminha perfeitamente bem; com outros, tudo fica bloqueado. Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias seus próprios bloqueios afetivos.

Desta maneira percebemos a importância do desenvolvimento de boas relações entre professores e alunos em sala de aula, e na escola de maneira geral, pois estas também podem ser um dos fatores que estão ligados ao sucesso ou fracasso escolar.

Para estudarmos estas relações, precisamos compreender os professores e os alunos como seres históricos e culturais, pois todos os seres humanos tem suas ações influenciadas pelo meio em que vivem. É importante fazermos estas discussões entre o contexto social do professor e do aluno, para que possamos estudar as relações que são desenvolvidas em sala de aula e como essas relações interferem no trabalho docente e de que maneira colaboram na aprendizagem. Cunha (1988), em sua tese de doutorado, discutindo sobre a prática pedagógica do “Bom Professor”, nos destaca que:

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. É tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que ideias vivencia na sua prática e verbaliza no seu discurso e que relação estabelece com os alunos em que vive (CUNHA, 1988, p. 35).

No dia a dia o professor utiliza muitas práticas em suas aulas, e estas práticas não são isoladas, não são de acordo apenas com sua subjetividade, mas sim influenciadas pelo contexto

social. Cunha (1988, p. 6) diz que “Estudar, pois, o professor como ser contextualizado nos parece da maior importância. É o reconhecimento do seu papel e o conhecimento de sua realidade que poderão favorecer a intervenção no seu desempenho”.

A autora destaca a importância de estudar o contexto social onde este docente está inserido, e isto é sem dúvida um fator que muito interfere no trabalho docente, pois os professores criam suas possibilidades e limites de acordo com o meio em que o mesmo está atuando.

Assim como o docente, o aluno também é um ser contextualizado, que também possui seus saberes e suas experiências. Cunha (1988, p. 14) afirma que “O aluno é considerado como alguém situado historicamente. Traz um saber que lhe é próprio, que precisa ser valorizado, mas também reelaborado dentro da cultura acumulada para que, conscientemente, possa operar mudanças na realidade”.

Desta maneira, a autora nos ajuda a compreender como o meio social vai influenciar na construção de algumas características do professor, que interferem em seu modo de agir, ou em suas práticas pedagógicas, e vão assim construindo a sua identidade.

Existem muitas relações que intermediam o processo de educação na escola, porém geralmente vemos artigos, livros, entre outros documentos, que destacam apenas sobre a importância da relação professor/aluno, destacando essa relação como essencial para que a aprendizagem ocorra pela compreensão, isto é fato, mas existem também outras relações que muitas vezes não são citadas, e que colaborem de maneira significativa no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, que são as relações dos alunos com os próprios alunos e dos professores com os demais professores da escola. Admitimos que há uma escassez de materiais que retratam a importância dessas outras relações que aparecem no espaço escolar.

## **1.2 AS BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, O “BOM” PROFESSOR E O SUCESSO ESCOLAR**

Discutirmos as boas práticas pedagógicas remete a questões complexas, pois não existe uma definição universal, fixa, do que seja uma “boa” prática pedagógica, ou um “bom” professor. Portanto, todas as vezes que citarmos a palavra “bom”, está virá entre aspas, pois não temos uma verdade absoluta em relação a este conceito, e mesmo sabendo destas impossibilidades, tentaremos trazer algumas considerações na tentativa de nos aproximarmos de uma compreensão do “bom” professor, destas “boas” práticas pedagógicas que trazem o sucesso escolar.

Ao analisarmos o que significa a palavra “bom”, recorreremos ao dicionário, Houaiss, onde a palavra “Bom” significa: “Que tem o necessário para; que cumpre as exigências de: um bom carro; um bom trabalhador; um bom cidadão” (HOUAISS, S/D). Assim percebemos, que para esta definição, o que é bom cumpri as exigências, no caso da profissão docente, temos que procurar artifícios para que se possa cumprir as exigências de maneira a fazer com que o processo ensino e aprendizado aconteça em uma relação de compreensão, como afirma Veiga (1996, p. 160):

O ensino não pode ser considerado apenas como instrumento para o desenvolvimento do processo de transmissão do conhecimento produzido. A tarefa central do ensino para a compreensão no contexto de uma nova organização pedagógica é proporcionar oportunidades didáticas para que a aprendizagem ocorra por compreensão.

Percebemos que a aprendizagem é um elemento central do trabalho docente, assim os professores, para serem considerados “bons”, precisam buscar meios para que os alunos possam de fato, compreender o que está sendo exposto, assim, as aulas devem ser voltadas para a compreensão, não apenas repassando conteúdos, mas sim fazerem os alunos compreenderem.

Para Cunha (1988), definir o “bom” não é tão simples, pois este conceito é muito variável, e muda de sujeito para sujeito e também de acordo com cada época que vivemos. Assim a autora nos afirma que:

As instituições de ensino de qualquer um dos graus não tem projeto próprio, explícito, que delineie “o padrão ideal”. Assim, quando se fala de BOM PROFESSOR, as características e/ ou atributos que compoem a ideia de ‘bom’ são frutos do julgamento individual do avaliador. É claro que a questão valorativa é dimensionada socialmente. O aluno faz a sua construção própria de bom professor mas, sem dúvida, esta construção está localizada num contexto histórico- social. Nela, mesmo de forma difusa ou pouco conciente, estão retratados os papéis que a sociedade projeta para o BOM PROFESSOR. Por isso ele não é fixo, mas se modifica conforme as necessidades de seres humanos situados no tempo e no espaço (CUNHA, 1988, p. 63-64).

Desta forma compreendemos o conceito de “bom” professor como uma “incógnita”, na qual estamos querendo sempre descobrir o seu real significado mas, dificilmente iremos chegar a um conceito único, como diz a autora, pois a sociedade muda, o tempo passo, e o que desejamos e o que definimos como bom hoje, amanhã pode não ser mais, assim podemos nos aproximarmos um pouco de um senso comum, mas raramente esse conceito será definido universalmente, devido suas diversas contradições, e devido as mudanças pelo qual passa constantemente nossa sociedade.

Percebemos que definir o “bom” professor é praticamente impossível, mas em cada pensamento, em cada ser humano, seja ele pai, mãe, alunos, professor, existe um conceito definido, e geralmente este conceito vem relacionado com os resultados ligados ao sucesso escolar. Ou seja, a figura do “bom” professor é quase sempre ligada a aquele profissional que consegue fazer seus alunos tirarem boas notas, seja nas avaliações internas da escola ou nas avaliações externas.

No dia a dia costumamos afirmar e ver pessoas afirmando que o professor é responsável pelo sucesso escolar, geralmente vemos pessoas jogando a responsabilidade do sucesso ou fracasso escolar nos professores, esquecendo assim das dificuldades que estes enfrentam, das reais condições de trabalho que estes vivenciam, e também tiram a culpa das famílias na sua responsabilidade pelo sucesso escolar, sendo que esta última é tão importante quanto o apoio do professor.

A família se configura como uma das peças principais aonde se busca o desenvolvimento de uma aprendizagem com qualidade, não basta apenas a escola/professor fazer seu papel, mas é necessário que a família dê continuidade à esta tarefa. Não existe nessa relação, escola/professores/família uma classificação de mais importante, ambos são essenciais para que haja uma continuidade do processo educativo. Segundo as autoras Polonia e Dessen (2005) discutindo sobre a relação da família-escola, nos afirmam que:

Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. [...] A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade (POLONIA e DESSEN, 2005, p. 304).

Assim percebemos a importância dessas duas “instituições” (família e escola) trabalharem em conjunto, pois isto favorecerá uma formação com mais qualidade e que venha a formar cidadãos responsáveis por uma sociedade melhor.

## CONCLUSÃO

Ao falarmos de práticas pedagógicas, já estamos falando da relação professor-aluno, pois estes são inseparáveis. Estas relações são capazes de produzir um sentido ao processo educativo, assim percebemos a necessidade de discutirmos sobre esta temática de forma mais profunda, precisamos que as instituições formadoras de professores possam fazer essas discussões de uma maneira mais intensa, pois estas são essenciais para o sucesso ou fracasso escolar.

Diante disso, percebemos que as práticas pedagógicas dos professores sofrem diversas interferências do meio externo, e que estas são mais fortes que a subjetividade docente. Assim notamos que é necessário todo um conjunto de mudanças em relação a valorização docente, ou melhor, basta apenas colocar em ação o que dizem os documentos que regulamentam esta profissão, pois sabemos que um profissional valorizado se sente motivado a desenvolver um “bom” trabalho e assim se aproximar da definição de um “bom” professor.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. **O bom professor e a sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. Da C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão online. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acessado em: 20 dez. 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA, I. P. A. Ensino e avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.